



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
FACULDADE DE LETRAS

A VARIAÇÃO DAS FORMAS PRONOMINAIS POSSESSIVAS DE 3ª PESSOA:
***SEU E DELE* EM LIVROS PARADIDÁTICOS**

Maria Catarina Brandão Moura

Rio de Janeiro

2023

MARIA CATARINA BRANDÃO MOURA

A VARIAÇÃO DAS FORMAS PRONOMINAIS POSSESSIVAS DE 3ª PESSOA:
SEU E DELE EM LIVROS PARADIDÁTICOS

Monografia submetida à Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Letras no curso de Português/Literaturas.

Orientador: Prof. Dr. Thiago Laurentino de Oliveira

RIO DE JANEIRO

2023

AGRADECIMENTOS

Aos meus avós, Glória e Jair (*in memoriam*) que acompanharam toda a minha trajetória escolar e com muita luta e dedicação ajudaram a formar o ser humano que sou hoje. A minha avó agradeço todo o aprendizado, desentendimentos, carinho e esforços para me fazer chegar até aqui. Ao meu avô a disciplina, o senso de responsabilidade e a valorização da importância do trabalho.

Aos meus pais, Márcio e Maria Aparecida que trilharam essa caminhada diariamente ao meu lado, não me deixando fraquejar em momento algum. Ao meu pai pelo carinho e preocupação ao longo de toda jornada. A minha mãe por lutar constantemente comigo, vivendo o meu sonho, celebrando minhas conquistas, me apoiando de maneira incondicional e me encorajando a enfrentar de cabeça erguida todos os desafios que vierem pela frente.

Ao professor Thiago Laurentino de Oliveira por toda ajuda e perseverança dedicadas a mim. O trajeto foi árduo, realizado com pausas, dificuldades, contratempos, inseguranças, mas ele esteve ali ao meu lado durante todo o tempo, me ajudando em tudo o que ele pôde e não me fazendo desistir. A presença dele com toda sua atenção e paciência foi fundamental para o fechamento de minha pesquisa.

Ao colégio Intellectus, especialmente a minha coordenadora Kátia Nelise, com quem aprendo diariamente a importância e o respeito com que devo levar a profissão que escolhi. Nos últimos anos de minha graduação, passei trabalhando nesse local e foi ele juntamente dessa coordenadora e amiga que me deram todo o suporte para que eu pudesse concluí-la.

Aos meus amigos e colegas de faculdade que acreditaram no meu potencial desde o início, passaram pelas dificuldades ao meu lado me fornecendo todo o apoio necessário e incentivando todo o amor e vontade que sempre senti em um dia exercer o magistério.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	5
2. REVISÃO DO TEMA	7
2.1 O que trazem as gramáticas tradicionais?	7
2.2 O que abordam os principais estudos teóricos?	9
2.3 O que nos trazem os estudos recentes?	12
3. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS	14
3.1 Princípios básicos da Sociolinguística Variacionista	14
3.2 Contribuição sociolinguística	15
3.3 Apresentação de alguns conceitos sociolinguísticos	16
4. METODOLOGIA	17
4.1 Corpus de análise	17
4.2 Procedimentos	19
4.3 Parâmetros de análise	20
4.3.1 Pronome Possessivo	20
4.3.2 Gênero e número do pronome.....	20
4.3.3 Nome possuído	20
4.3.4 Nome referente	21
4.3.5 Semântica de posse	21
4.3.6 Função sintática	22
5. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	23
5.1 Resultados gerais	23
5.2 A variante seu em correlação com os parâmetros de análise	27
5.2.1 Animacidade do nome possuído	27
5.2.2 Animacidade do nome referente possuidor	28
5.2.3 Semântica de posse	30
5.2.4 Função sintática	31
6. CONCLUSÃO	33
7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	35

1 INTRODUÇÃO

A gramática tradicional do português brasileiro (PB) ao longo do tempo tem contado com grandes autores para comentar e analisar as duas formas possessivas que se referem à 3ª pessoa do discurso, as quais recebem a denominação de forma simples *seu* e forma perifrástica *dele*. Nesse sentido, a maneira como elas atuam dentro de nossa língua e o pensamento que esses mesmos autores têm sobre elas podem nos levar às mais variadas interpretações sobre esse assunto.

Sob esse viés, analisamos a variação ocorrida entre as formas pronominais possessivas *seu e dele* na 3ª pessoa. Nesse contexto, diversos linguistas têm discutido sobre esse assunto a fim de explicar um possível rearranjo no quadro pronominal brasileiro (PB). Desse modo, muitos deles propõem que houve uma realocação do pronome possessivo *seu*, originalmente uma forma de 3ª pessoa, para a 2ª pessoa do discurso. Em função dessa realocação, teria ocorrido a emergência da forma perifrástica *dele* (inicialmente, uma construção formada pela preposição *de* mais o pronome pessoal do caso reto *ele/ela*) no contexto de 3ª pessoa.

Ao longo da revisão dos estudos sobre o tema, traremos as vertentes apresentadas por gramáticos como Rocha Lima (2005), Cunha e Cintra (2008), Bechara (2004), entre outros, que apresentam visões muito consolidadas na gramática normativa, entendendo que apenas a forma simples *seu* faz parte do quadro pronominal do português. A forma perifrástica, por sua vez, poderá estar presente na língua falada, mas a escrita deverá seguir se atendo ao quadro pronominal proposto pela gramática tradicional.

Aliado a esses autores, também pesquisamos outros, com diretrizes diferentes, como Lopes (2007) e Perini (1985), que apresentam visões mais expandidas dessa constituição pronominal. Para eles, o quadro de pronomes deveria ser alargado, alocando, assim, a forma perifrástica *dele*, uma vez que eles entendem se tratar de uma forma pronominal de 3ª pessoa. Com isso, defendem em seu quadro o *seu* como pronome de 2ª e 3ª pessoa, variando com *dele* em 3ª e com *teu* em 2ª. Ademais, procuramos solidificar a discussão com a análise realizada por Guedes (2015), cujo foco também recai sobre o comportamento dessas formas pronominais citadas.

A partir da visão dos gramáticos e dos linguistas revisitados, percebemos muitas diferenças entre o universo da fala e da escrita. A escrita é vista como mais conservadora e estreita, já a fala é mais ampla e passível de abordagens mais flexíveis. A partir dessa variação identificada, adotamos, nesta pesquisa, os pressupostos teóricos da Sociolinguística, que

busca justamente estudar as relações entre língua e sociedade por meio das variações linguísticas. Para isso, utilizamos as ideias centrais dessa área de estudos, nos baseando em Coelho *et al.* (2015) e Mollica (2019). Destacamos, principalmente, a ideia de heterogeneidade ordenada, a fim de explicar como as línguas estão em constante processo de mudança.

Posteriormente, detalhamos a metodologia de pesquisa e as justificativas para a escolha do assunto desta monografia. Nossos objetivos principais são analisar a variação entre as formas possessivas *seu* e *dele* e verificar se, de fato, a forma *seu* deixou de atuar como uma estratégia de referência à 3ª pessoa do discurso em detrimento da variante *dele*. Desse modo, devido a um interesse profissional pelo universo escolar e por acreditar que os alunos são parte importante do público-alvo da discussão proposta, decidimos coletar os dados a partir de livros paradidáticos. Foram examinadas quatro obras recentes. São elas: *Aos 7 e aos 40*, de João Anzanello Carrascoza; *Entre Deuses e Monstros*, de Lia Neiva; *O menino Nelson Mandela*, de Viviana Mazza; *O mistério da ilha*, de Ana Maria Machado.

Após a busca e coleta das ocorrências de ambas as formas possessivas investigadas nesses livros, analisamos os dados encontrados quantitativa e qualitativamente. A discussão dos resultados é feita por meio de tabelas e gráficos, mostrando o percentual e a quantidade de cada um, assim como os parâmetros controlados acerca das variantes: o tipo de nome possuído, o tipo de nome referente, a semântica de posse e a função sintática.

Evidentemente, esta monografia traz uma discussão de caráter preliminar sobre o tema, tendo em vista os limites e os propósitos deste trabalho. As considerações finais, que são tecidas na seção de conclusão, são reflexões construídas a partir do que foi verificado no corpus em questão, mas que certamente precisarão ser expandidas e analisadas em novas pesquisas futuras sobre o fenômeno em foco. Apesar do recorte aqui proposto, acreditamos que os dados a serem explorados nas próximas páginas contribuem para a discussão da variação de formas possessivas no português brasileiro, sobretudo por terem sido obtidos de um material ainda pouco considerado pelas pesquisas sociolinguísticas: os livros paradidáticos.

2 REVISÃO DO TEMA

Esta seção objetiva fazer uma revisão crítica sobre os pronomes possessivos de 3ª pessoa no PB. Considerarei em minha abordagem a descrição de algumas gramáticas tradicionais (Rocha Lima, 2005; Cunha; Cintra, 2008; Bechara, 2004), alguns estudos linguísticos teóricos e pesquisas mais recentes envolvendo o assunto. Com isso, almejo trazer um breve panorama que ressalte a importância do tema desta monografia para a discussão do quadro pronominal brasileiro, mostrando como ela tem merecido a atenção dos pesquisadores nos últimos anos.

2.1 O que trazem as gramáticas tradicionais?

A discussão que pretendo trazer ao analisar estas gramáticas tradicionais refere-se ao fato de muitos gramáticos apresentarem em seu quadro de pronomes possessivos, a forma variante *seu*, colocando-o em 3ª pessoa. Nesse cenário, pesquisas de autores como Guedes (2015), Calindro (2019) e Abraçado (2000) nos mostram que esse quadro vem passando por reformulações, visto que o *seu* usado em 3ª pessoa estaria em desuso, especializando-se como um pronome de 2ª pessoa e sendo substituído pela forma pronominal, conhecida como “perifrástica”, *dele* em sua posição original. Assim, meu objetivo a partir de agora será analisar criticamente essa alteração.

De acordo com os gramáticos Rocha Lima (2005), Cunha e Cintra (2008) e Bechara (2004), denominamos “pronomes possessivos” como termos que acompanham ou substituem o substantivo, indicando uma relação de posse entre as pessoas do discurso e as coisas que elas possuem (Bechara, 2004). Nesse sentido, eles são divididos em 1ª, 2ª e 3ª pessoas, do singular e do plural, assim como podemos observar no Quadro 1:

Quadro 1. Quadro tradicional de pronomes possessivos

	Um possuidor		Vários possuidores	
	Um objeto	Vários objetos	Um objeto	Vários objetos
1ª pessoa masc	Meu	Meus	Nosso	Nossos
Fem	Minha	Minhas	Nossa	Nossas
2ª pessoa masc	Teu	Teus	Vosso	Vossos
Fem	Tua	Tuas	Vossa	Vossas
3ª pessoa masc	Seu	Seus	Seu	Seus
Fem	Sua	Suas	Sua	Suas

Fonte: Bechara, 2004

Seguindo tal linha de raciocínio, ao analisarmos as seguintes sentenças hipotéticas, retiradas da gramática do referido autor:

- (01) “**Meu** filho não anda de moto” (pronome possessivo “meu” - 1ª pessoa do singular, masculino)
- (02) “Comprei o **teu** carro” (pronome possessivo “teu” - 2ª pessoa do singular, masculino)
- (03) “João viu **sua** casa pegar fogo” (pronome possessivo “sua” - 3ª pessoa do singular, feminino)

Nas duas primeiras sentenças, é fácil percebermos a quem o pronome possessivo está se referindo: “filho” no exemplo em (01) e “carro”, em (02). Entretanto, ao observarmos o último caso, encontramos o pronome *seu* sendo usado na terceira pessoa do singular, gerando principalmente em uma situação de diálogo certa dúvida em relação ao termo referente, uma vez que a “casa” pode pertencer ao próprio “João” ou a uma outra pessoa. Nesse viés, caso trocássemos a forma *seu* por *dele*, ficaria claro que a sentença mencionada anteriormente se referia à casa do próprio João. Todavia, esse mesmo caminho não é demonstrado no quadro pronominal acima e em diversos outros fornecidos pelos gramáticos tradicionais, como analisaremos posteriormente.

Rocha Lima (2005), Cunha e Cintra (2008) e Bechara (2004), gramáticos tradicionais de referência da língua portuguesa, corroboram com essa visão, não usando a forma perifrástica em seus quadros pronominais. No entanto, apesar de não a utilizarem, defendem a introdução da variante *dele* no lugar da variante *seu*, como podemos observar na seguinte citação de Cunha e Cintra (2008): “para evitar qualquer ambiguidade, o português nos oferece o recurso de precisar a pessoa do possuidor com a substituição de *seu(s)*, *sua(s)*, pelas formas *dele(s)*, *dela(s)*.” (p.335). De modo sucinto, os gramáticos mencionam essa possibilidade, mas não a colocam no quadro pronominal possessivo.

Do mesmo modo, podemos analisar a visão de Bechara (2004), que, apesar de dedicar uma seção inteira de sua obra para destacar a ambiguidade pronominal, trazendo exemplos que confirmam que o uso de *dele/dela* reduziria a ambiguidade, também não inclui em seu quadro pronominal essas formas. Rocha Lima (2005) é outro autor que apresenta um quadro pronominal possessivo apenas com as formas *seu/sua* previstas para a 3ª pessoa do singular. Diferentemente dos outros gramáticos citados, ele não chega sequer a mencionar o uso das formas *dele/dela* como uma estratégia possessiva.

Percebemos, nessa rápida revisão, que os principais gramáticos tradicionais da língua portuguesa, até hoje considerados como referências para a elaboração de materiais didáticos, embora citem as formas perifrásticas *dele/dela*, não as adicionam em suas representações dos quadros de pronomes pessoais possessivos. Com isso, vemos que a discussão da variação entre *seu* e *dele* no PB fica totalmente silenciada nos manuais normativos, bem diferente do que encontramos nos estudos de linguística descritiva que revisaremos a seguir.

2.2 O que abordam os principais estudos teóricos?

Seguindo a revisão sobre a composição do quadro pronominal de possessivos de 3ª pessoa do singular no PB, mencionarei, nesta seção, estudos teóricos sobre o assunto. Desse modo, trarei, nos próximos parágrafos, diferentes vertentes linguísticas que se contrapõem às descrições tradicionais mencionadas anteriormente, como é o caso do trabalho de Lopes (2007) e de Perini (1985).

De acordo com Travaglia (2007), “a gramática normativa tem como preocupação primordial o cuidado excessivo com a norma padrão, ocorrendo uma prescrição de comportamentos linguísticos. Nesse sentido, não cumprir uma determinada regra gramatical torna ineficiente a comunicação.” Essa ideia normativa pode ser observada em diversos gramáticos e tem sido empregada no ensino de língua portuguesa em sala de aula há décadas.

Aliado a esse raciocínio, Kato (1985, p.111) afirma que “a ambiguidade deve ser evitada no uso da gramática”, propondo por sua vez o seguinte princípio: “evite usar formas diferentes para a mesma função” (p.114). A visão trazida pela autora sugere uma redistribuição no quadro pronominal a fim de cessar as variações que ocorrem entre *seu* e *dela* na 3ª pessoa.

Lopes (2007), por sua vez, apresenta uma linha de raciocínio bastante diferente dos autores tradicionais. A pesquisadora considera as formas *dela/dela* como pronomes possessivos, uma vez que ambos têm sido utilizados para se referir à terceira pessoa, principalmente com o intuito de evitar a ambiguidade que pode ocorrer com o possessivo *seu* em alguns contextos. Além disso, a autora também defende a ideia de que o pronome *seu* vem sendo utilizado como um pronome de 2ª pessoa:

Com a migração do possessivo de terceira (e variantes) para o paradigma de segunda pessoa, ocasionada também pela inserção de você no sistema, a forma *dela* tem sido utilizada como estratégia “possessiva” de 3ª pessoa para evitar a ambiguidade do possessivo *seu*, que atende às duas pessoas (segunda e terceira). (Lopes, 2007)

Através de sentenças exemplificativas, conforme veremos abaixo, ela observa que o uso dos pronomes *seu / sua* gera ambiguidade, mas, ao substituí-los por *dela/dela*, fica claro a quem estamos nos referindo na sentença. Além disso, também observa, por meio do exemplo em (04), que *dela/dela* são formados pela contração da preposição *de* com o pronome *ele/ela*, que é responsável pela coesão anafórica, pois retoma um termo anterior. A preposição *de*, em sua visão, carrega a semântica de posse e a variante *dela* inclui-se dentro de uma forma pronominal, já que se refere a uma informação dita anteriormente.

(04) Quando viu Maria, João comentou a respeito da nova casa **dela**.

Em (04), exemplo retirado de Lopes (2007), podemos perceber a inserção da variante *dele*, sendo utilizada em 3ª pessoa no lugar da variante possessiva *seu*. Desse modo, a autora corrobora uma perspectiva diferente da apresentada por diversos gramáticos tradicionais. Aliado a isso, é fundamental destacarmos a ideia de Lopes (2007) acerca do rearranjo no quadro pronominal do PB. Nesse sentido, em alguns casos utilizamos o pronome *seu* como pronome de 2ª pessoa do singular, concordando com o pronome pessoal do caso reto *você* (*Você viu o seu caderno?*). No caso mencionado, não há a presença de ambiguidade, tratando-se de um diálogo direto entre emissor e receptor. No entanto, ao usá-lo em 3ª pessoa na forma de diálogo (João pegou o seu caderno), ficamos em dúvida sobre a quem corresponde a posse do caderno e precisamos recorrer à forma perifrástica *dele* para desfazer esse duplo sentido. A reestruturação proposta por Lopes (2007) ficaria da seguinte forma:

Quadro 2. Classificação dos possessivos

PESSOA	POSSESSIVO
1 SG	meu/minha
2 SG	teu/tua/seu/sua/de você
3 SG	seu/sua/dele(a)
1 PL	nosso(a)/da gente
2 PL	seu(s)/sua(s)/de vocês
3 PL	seu(s)/sua(s)/deles(as)

Fonte: Lopes, 2007 *apud* Guedes, 2015.

Assim, diferentemente dos gramáticos citados, Lopes (2007) insere as formas *dele/dela* em seu quadro pronominal, afirmando que elas sofreram gramaticalização e devem ser classificadas como pronomes possessivos. Além disso, também ressalta o uso de *seu/sua* como pronomes possessivos que fazem referência à 2ª pessoa. Para a autora, a aceitação desse quadro flexibilizaria o rigor transmitido pela gramática normativa.

Em um trabalho anterior ao de Lopes (2007), Perini (1985) já havia discutido, no âmbito da linguística teórica, a questão dos pronomes possessivos no português. O autor estabelece uma relação direta entre a ambiguidade pronominal e o desaparecimento dos pronomes *tu* e *vós*, isto é, os dois que preencheriam o quadro pronominal da 2ª pessoa. Dessa forma, ao tornar-se cada vez mais evidente a falta de uso dessas duas formas na conjugação verbal, as gramáticas precisaram se reestruturar. Com isso, tivemos a substituição por *você* e *vocês*, gerando, por sua vez, certa dificuldade no reconhecimento da referência do pronome possessivo *seu*. Segundo Perini (1985), com essa reestruturação pronominal, *seu* passa a representar, na forma possessiva, quatro pronomes pessoais diferentes: *ele*, *elas*, *você* e *vocês*.

Torna-se evidente, portanto, a possibilidade de atuação de *seu* tanto em segunda como em terceira pessoa. Isso evidenciaria as origens da ambiguidade a que ele se refere.

No português coloquial, aquele que utilizamos diariamente em nossa fala, para reduzir esse duplo sentido, a alternativa a qual recorreremos seria a forma perifrástica *dele/dela* - “Joana viu seu trabalho se desfazer” (trabalho de quem?), em casos como esse automaticamente substituímos por “Joana viu o trabalho dela se desfazer”, por exemplo, e solucionamos o caso. Ao fazer essa comparação, o autor afirma que a saída adequada é promover as formas *dele/dela* para o quadro pronominal possessivo. No entanto, diferentemente de Lopes (2007), Perini (1985) é mais radical quanto ao uso de *seu* de 3ª pessoa, defendendo que ele só é utilizado para se referir aos pronomes *você* e *vocês*, na 2ª pessoa. Sendo assim, as formas perifrásticas *dele/dela* são legitimadas como pronomes possessivos de 3ª pessoa, como podemos visualizar no quadro 3, sugerido pelo autor:

Quadro 3. Quadro pronominal proposto por Perini (1985)

PESSOA	POSSESSIVOS
1 SG	meu/minha
2 SG	seu/sua
3 SG	dele(a)
1 PL	nosso(a)
2 PL	de vocês
3 PL	deles(as)

Fonte: Guedes (2015)

2.3 O que nos trazem os estudos recentes?

Nesta seção, apresento outros estudos atuais que exploraram a variação entre as formas *seu* e *dele*. Como temos percebido ao longo da revisão bibliográfica, o quadro pronominal de possessivos no português brasileiro foi afetado, ao longo do tempo, principalmente pela entrada de novas formas gramaticalizadas, registradas ao lado dos possessivos simples *meu*, *teu*, *seu* e *nosso*. São construções possessivas perifrásticas, que assumem a forma de sintagmas preposicionados introduzidos pela preposição *de*, conhecidos como *de-possessivos* (Castro, 2006, p. 7). Assim, o quadro pronominal em relação à 3ª pessoa tem se tornado aparentemente mais flexível e variável, abrangendo a coexistência entre o possessivo simples *seu* e os de-possessivos *dele (s)* e *dela (s)*.

Todavia, ao fazermos uma análise mais extensiva, percebemos que tal informação não se estende com tanta firmeza ao olharmos para a escrita. A variação entre *seu* e *dele* nesse campo ainda parece mostrar seu formato original, com *seu* atuando na 3ª pessoa e *dele* sendo

observado em poucas ocasiões nas sentenças. Desse modo, Araújo (2003) analisa uma amostra de dados expostos em textos jornalísticos da *Revista Veja*, escritos no ano 2000, e percebe que não há ocorrência do de-possessivo *dele(s)*, sendo o possessivo simples *seu* a única estratégia.

No entanto, Araújo (2003) mostra também que os anúncios publicitários apresentam, por outro lado, uma perspectiva diferente, usando uma linguagem mais informal, que procura estar mais próxima do leitor. Sendo assim, segundo a autora, eles utilizam a forma *seu* para a 2ª pessoa do singular e o de-possessivo *dele* faz referência à 3ª pessoa. Ainda no referido estudo, Araújo (2003, p.147), também analisou redações feitas por alunos do ensino fundamental e médio. Nesse material, houve um equilíbrio maior entre os usos dessas duas formas no ensino fundamental do que no médio, que teve, por sua vez, o predomínio do possessivo *seu* pelos alunos.

Sendo assim, vemos que, apesar de as formas perifrásticas (denominadas anteriormente pelos gramáticos) *dele/dela* terem recebido outra denominação (de-possessivos) e chegado inclusive a fazer parte de alguns quadros pronominais de 3ª pessoa, quando se observa a presença de um rigor formal, como é o caso de textos jornalísticos ou de redações escolares, continuamos ainda a identificar quase exclusivamente o uso de *seu*.

Aliado a isso, comparando a teoria e prática, identificamos uma incongruência entre as pesquisas científicas e seu aproveitamento em relação aos materiais para o ensino de português. Ao levarmos em consideração principalmente a escrita, pouco vemos em livros e manuais didáticos a discussão sobre o uso dos *de-possessivos*. Ainda é nítida a postura conservadora, que continua a seguir as prescrições das gramáticas tradicionais. A alteração proposta por Lopes (2007), que realoca os possessivos *seu/sua* para a 2ª pessoa e insere as formas perifrásticas de-possessivas *dele/dela* na 3ª pessoa, ainda é vista com forte resistência. Dessa forma, é necessário um diálogo maior entre tudo o que vem sendo verificado pelas pesquisas científicas com o que vem sendo colocado em prática.

3 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Nesta seção, buscarei apresentar as bases teóricas que norteiam a análise do fenômeno de minha pesquisa. Para isso, procurarei solidificar a união da teoria com o acréscimo de conhecimentos sociolinguísticos.

3.1 Princípios básicos da sociolinguística variacionista

A sociolinguística variacionista consiste em uma área da linguística, proposta pelo linguista norte-americano William Labov, que se interessa por explicar a variação da língua na sociedade, almejando demonstrar as mudanças ocorridas dentro do contexto social em que está inserida. Nesse sentido, a ideia de que a língua é heterogênea ressalta o fato de que há diferentes maneiras de se utilizar a mesma língua.

A sociolinguística se consolidou como área dos estudos linguísticos na década de 1960. A partir daí, outras subdivisões surgiram, como foi o caso da sociolinguística variacionista, que começou a ser pesquisada em 1968, objetivando descrever o uso variável da língua e os componentes sociais e linguísticos determinantes para essa variação, isto é, se preocupando com o uso real da língua. Essa vertente é hoje “uma das subáreas da linguística e estuda a língua em uso, no seio das comunidades de fala (...)” (Mollica, 2019, p.9).

A intenção do estudo proposto por Labov era recuperar a concepção de que a língua e a sociedade são noções inseparáveis, buscando entender quais os principais fatores que poderiam motivar a variação linguística. Nessa lógica, com base nos princípios sociolinguísticos, voltemos a analisar a variação entre as formas *seu* e *dele*. Nesse cenário, a sociolinguística variacionista é inserida uma vez que ela estuda justamente as variáveis da língua em seu uso real. É na língua falada que o uso de *dele*, por exemplo, se manifesta constantemente entre os falantes, principalmente em diálogos. Todavia, na escrita, essa forma perde espaço e o *seu* ainda é o mais requisitado, permanecendo, assim, na 3ª pessoa. Com isso, é necessário buscarmos a relação entre língua e sociedade para ampliarmos o entendimento da variação dessas formas pronominais não só na fala, como também na escrita.

Segundo Mollica (2019, p.10), “a variação linguística constitui fenômeno universal e pressupõe a existência de formas alternativas denominadas variantes. Entendemos então por variantes as diversas formas alternativas que configuram um fenômeno variável (...)” Nesse sentido, podemos entender por variantes as formas *seu* e *dele*, sendo representadas na 3ª pessoa do discurso, constituindo uma regra variável no português brasileiro (PB).

3.2 Contribuição Sociolinguística

Aliado às contribuições da vertente da Sociolinguística Variacionista, cabe comentar brevemente as contribuições que essa perspectiva teórica trouxe para este trabalho. Os estudos sociolinguísticos são feitos com base em um determinado grupo de falantes. Sendo assim, em minha pesquisa a abordagem adotada refere-se principalmente aos alunos de ensino fundamental 2 (6º ao 9º ano), cuja faixa etária corresponde, em média, de 11 a 15 anos. Eles são o público-alvo dos livros paradidáticos, material que será tomado como *corpus* de análise desta monografia.

O objetivo da Sociolinguística é analisar a língua falada, descrevê-la e entendê-la em situações reais de uso. Nesse sentido, podemos usá-la para entender a importância da variação linguística dentro de uma comunidade de fala. Nessa perspectiva, essa variação faz com que a língua esteja sempre em movimento, levando tanto as formas escritas quanto as faladas a sofrer alterações. Sendo assim, a ideia do pronome possessivo *seu* integrar-se à 2ª pessoa do quadro pronominal e a forma perifrástica *dele* ser inserida na 3ª pessoa são exemplos que explicam a importância dessa variação.

Baseando-nos em Coelho *et al.* (2015), observamos que a Sociolinguística parte do ideal de que a variação e a mudança são essenciais às línguas, sendo um de seus propósitos compreender quais os principais aspectos que motivam a variação linguística e qual a relevância de cada um desses aspectos. A variação linguística, por sua vez, não pode ser vista como consequência do acaso, mas como um acontecimento cultural estimulado por princípios linguísticos e extralinguísticos.

Bagno (2007) afirma que, diferente da norma-padrão, que apresenta uma visão homogênea da língua, na Sociolinguística a língua é variável e está sempre em processo de evolução. No entanto, de acordo com o autor, há justamente nos discursos da ciência e do senso comum uma grande divergência na defesa dessa heterogeneidade ao olharmos para a língua escrita. Nesse cenário, a sociedade ainda sofre com a ideia conservadora do erro, sendo resultante da influência dos próprios gramáticos. Com isso, para os sociolinguistas não importa como escrevemos ou falamos determinados assuntos, mas se o que está sendo dito é capaz de promover a interação humana. Dessa maneira, “não existe uma única forma de dizer as coisas, a Linguística demonstra que todas as formas de expressão verbal têm organização gramatical, seguem regras e tem uma lógica linguística perfeitamente demonstrável” (Bagno, 2007, p.73).

3.3 Apresentação de alguns conceitos sociolinguísticos

Para investigar fenômenos variáveis do português brasileiro, como os possessivos *seu* e *dele*, controlamos os chamados *condicionadores* externos e internos. Coelho *et al.* (2015) afirmam que os condicionadores regulam quais são os contextos mais propícios para a ocorrência das variantes. São os condicionadores que ajudam a entender a dinâmica da variação linguística, pois revelam que existem parâmetros para os usos variáveis, descartando a ideia de variação livre, aleatória.

Os condicionadores ajudam o analista a delimitar quais são os contextos mais propícios para a ocorrência das variantes em estudo. (...) são também chamados de condicionadores linguísticos. Como exemplos, temos a ordem dos constituintes em uma sentença, a classe de palavras envolvidas no fenômeno em variação, aspectos semânticos etc. (COELHO *et al.*, 2015, p. 20)

Os fatores condicionadores se subdividem em internos e externos. Os internos são aqueles que fazem parte do próprio sistema linguístico e agem sobre as variáveis em níveis diversos (morfológico, sintático, fonético-fonológico), combinando a escolha do falante entre uma variante ou outra. Os fatores condicionadores externos, por sua vez, correspondem aos elementos extralinguísticos. Nesse caso, a região geográfica e o grau de escolaridade, por exemplo, de um determinado falante podem ser determinantes como um condicionador desse tipo. De acordo com Coelho *et al.* (2015, p. 20), “os condicionadores externos, também chamados de extralinguísticos, são fundamentais para entendermos os processos de variação e mudança.”

Tendo como base o conceito de fatores condicionadores, há outra noção que nos ajuda a entender melhor essa relação entre língua e sociedade proposta pela Sociolinguística. Nesse contexto, os estudos sociolinguísticos buscam estabelecer com as comunidades de fala uma noção conhecida como *regra variável*. Esta se refere à possibilidade de falarmos uma mesma “coisa” de formas diferentes, de acordo com os contextos linguísticos e sociais em que estivermos inseridos. Sendo assim, em virtude das transformações que o português brasileiro vem sofrendo ao longo dos anos, é normal, por exemplo, que usemos *seu/sua* para nos referirmos à 2ª pessoa e *dele/dela* para a 3ª, conseguindo estabelecer uma comunicação mais clara entre as pessoas.

De acordo com Coelho (2007, p.7), “a língua estudada era um construto homogêneo, já que não se tratava de língua real, falada no dia a dia, mas uma língua abstraída de seu existir histórico-social.”. A língua, principalmente em sua parte escrita, até a década de 1960 foi duramente homogênea, concebendo poucas variações linguísticas. Foi a partir da chegada

dos princípios sociolinguísticos que ela passou a ganhar uma nova forma e começar a ser vista como heterogênea. “(...) ciência que se faz presente num espaço interdisciplinar, na fronteira entre língua e sociedade, focalizando precipuamente os empregos linguísticos concretos, em especial os de caráter heterogêneo”. (Mollica, 2019, p. 9).

Para finalizar esta seção, reiteramos a noção de heterogeneidade ordenada, tão cara às pesquisas sociolinguísticas. Diferentemente do aparente “caos” apregoadado por outras perspectivas teóricas que concebiam a língua-objeto como necessariamente homogênea, os fenômenos linguísticos variáveis têm se revelado, há décadas, como extremamente ordenados e condicionados a diferentes regras do sistema linguístico, além das restrições sociais. Nas palavras de Santos (2008),

A heterogeneidade ordenada dos sistemas linguísticos, confirmada pelas várias situações em que se constata mais de uma forma para se dizer a mesma coisa, não compromete a estrutura desses sistemas. Tanto é que, nos momentos de variação, que precedem as mudanças linguísticas, as línguas não deixam de atender perfeitamente às necessidades comunicativas do falante. (Santos, 2008, p. 19).

Se estamos vivendo, no português brasileiro, um momento de variação, precedente a uma mudança linguística no que se refere à expressão pronominal possessiva de 3ª pessoa, não podemos afirmar. Sabemos, entretanto, que os falantes-escreventes do PB, evidentemente, seguem se comunicando “perfeitamente”, como diz Santos (2008), no momento de variação linguística em que se encontra a expressão possessiva de 3ª pessoa. Isso posto, baseando-nos nos pressupostos teóricos brevemente revisitados nesta seção, a pesquisa desta monografia pretende descrever e analisar, ainda que de forma preliminar, a dinâmica de variação entre seu e dele em livros paradidáticos. O modo como essa análise foi construída e encaminhada será detalhada na seção 4, a seguir.

4 METODOLOGIA

4.1 *Corpus* de análise

O nosso *corpus* de análise consistiu em quatro livros paradidáticos. Foram escolhidas quatro obras:

- *Aos 7 e aos 40*, de João Anzanello Carrascoza: um romance sobre o cotidiano de seu personagem principal em dois momentos distintos, na infância e na fase adulta, cada um sendo descrito por meio de suas particularidades.
- *Entre Deuses e Monstros*, de Lia Neiva: um clássico da literatura infanto-juvenil brasileira, que aborda as aventuras mitológicas gregas por meio do olhar de um homem comum que observa sua vida transformada pelos enigmas de deuses e monstros.
- *O menino Nelson Mandela*, de Viviana Mazza: uma biografia romanceada que aborda assuntos importantes como racismo, segregação e opressão de forma atenuada, contando a história do primeiro presidente negro da África do Sul.
- *O mistério da ilha*, de Ana Maria Machado: uma narrativa que mostra a história de Carlos e Chico, dois amigos que possuem classes sociais muito distintas, e que, de certa forma, se distanciaram por isso, mas uma neblina durante um passeio de barco muda a maneira de encararem tais diferenças.

A escolha desse material partiu de uma motivação profissional, baseada no meu interesse pelo universo escolar. Há 2 anos, tenho trabalhado no ambiente escolar privado, onde o convívio diário com os alunos tem me despertado para reflexões linguísticas acerca da fala e da escrita. Nesse âmbito, ao definir os livros paradidáticos para a análise, almejei pesquisar um material que integrasse a vivência escolar e apresentasse um conjunto de usos linguísticos próximo dos estudantes do segundo segmento do ensino fundamental.

Além disso, também pretendia verificar como a ocorrência da variação pronominal possessiva de 3ª pessoa iria se manifestar em textos escolares escritos não normativos. Diferentemente dos livros didáticos, cuja utilização é principalmente voltada para a apresentação e prática de conhecimentos linguísticos (quase sempre orientados pela gramática normativa), a função dos paradidáticos não é, primordialmente, a de trabalhar tópicos gramaticais, mas sim viabilizar experiências de iniciação à leitura. Portanto, defendemos que

essas obras representam dados de língua escrita em uso, com finalidades mais literárias e menos normativas dentro do espaço escolar.

A escolha dos quatro títulos analisados também foi motivada pelas minhas experiências docentes. No ano de 2022, cumpri o estágio supervisionado obrigatório no Colégio de Aplicação da UFRJ, onde acompanhei a rotina escolar de uma turma do 8º ano. Todavia, por meio das orientações feitas pelos professores regentes, pude estar a par do cotidiano das demais turmas dos anos finais do ensino fundamental. Sendo assim, conversando com os professores de língua portuguesa do Cap-UFRJ e explicando o fenômeno que eu estudava, recebi esses títulos como indicações, pautadas na lista de obras paradidáticas que haviam sido adotadas na instituição. Eles atendem a faixas etárias diferentes ao longo dos anos finais: *Aos 7 e aos 40* é indicado para o 8º e 9º anos; *O mistério da ilha* é voltado para os 6º e 7º anos.

Analisar livros paradidáticos auxiliou-me a perceber como o uso dos pronomes possessivos vem sendo mostrado para os alunos em diferentes turmas. Ao fazer a leitura deles de maneira geral (li em média 30 páginas de cada, o equivalente à metade de todos), percebi o uso expressivo do pronome *seu* em 3ª pessoa e, em poucas ocorrências, o uso da forma perifrástica *dele*. Ademais, optar por esse tipo de material consegue nos dar com maior clareza a ideia de como essas variantes se apresentam no cenário atual do ensino básico e se corroboram com a versão apresentada por Perini (1985) ou por Rocha Lima (2005), por exemplo.

4.2 Procedimentos

Para analisar as obras mencionadas, fiz a aquisição da versão impressa de todas elas e fui lendo as histórias e destacando todas as ocorrências de “seu e dele” como possessivos de 3ª pessoa. Depois disso, transcrevi os trechos em que eles apareciam em uma planilha do Excel. Na planilha, estruturei a análise dos parâmetros relacionados ao fenômeno, distribuindo cada parâmetro em uma coluna diferente.

Com o auxílio do Excel, foi possível analisar os dados quantitativamente, em suas ocorrências brutas e percentuais, que serão mostradas de forma mais detalhada na seção de resultados. Sendo assim, a análise realizada refere-se a uma amostra parcial do *corpus* escolhido, uma vez que somente coletei os dados que ocorriam nas, aproximadamente, 30 primeiras páginas de cada livro, ou seja, em torno da metade das obras selecionadas. Na planilha do Excel, todos os dados registrados foram devidamente identificados pelo número da página bem como pelo nome da obra em que apareciam.

Para ilustrar os procedimentos descritos anteriormente, reproduzimos, na figura 1 a seguir, uma imagem da planilha citada, mostrando a forma como os dados foram organizados segundo os parâmetros de análise:

Figura 1. Tabulação dos dados coletados no Excel

A	B	C	D	E	F	G	H	I	J	K	L
1	N	OCCORRÊNCIA	PRONOME	GENERO	NUMERO	NOME_POSSUÍDO	NOME_REFERENTE	SEMANTICA	FUNCAO_SINTACTICA	LIVRO	PÁGINA
2		fascinava-me tudo o que, de súbito, surgia à minha frente. Mas não o desvelar de seu mistério!	seu	masculino	singular	mistério	tudo	abstrato	complemento nominal	aos 7 e aos 40	p9
3		O homem estacionou e camu no subúrbio [...] abstraiu-se convicto de que, depois de atravessar a	seu	feminino	singular	costa	homem	abstrato	complemento verbal	aos 7 e aos 40	p12
4		entraram no apartamento o toque de sua mão [no ombro dele]	dele	feminino	singular	mão	homem	parte.corpo	complemento nominal	aos 7 e aos 40	p12
5		entraram no apartamento o toque de sua mão [no ombro dele]	dele	feminino	singular	ombro	mulher	parte.corpo	adjunto	aos 7 e aos 40	p12
6		ele pensou na mulher [...] e, quando já se vestia no quarto, sentiu [a presença dele]	dele	feminino	singular	presença	mulher	abstrato	complemento verbal	aos 7 e aos 40	p14
7		nem atentos nem desatentos para o ar que entrava e saía [de seus pulmões]	seu	masculino	plural	pulmões	homem e mulher	parte.corpo	complemento verbal	aos 7 e aos 40	p15
8		Mas, de repente, como se encontrasse a chave capaz de igualar [a sua percepção] à voltagem do seu	seu	feminino	singular	percepção	homem	outros	complemento verbal	aos 7 e aos 40	p16
9		ele se pôs a escutar atentamente [os passos dele]	dele	feminino	singular	passos	homem	origem	complemento verbal	aos 7 e aos 40	p16
10		e todo mundo uma escrita, [com suas palavras, seus pés e bés, seus capítulos?]	seu	feminino	plural	palavras	tudo mundo	abstrato	adjunto	aos 7 e aos 40	p18
11		e todo mundo uma escrita, [com suas palavras, seus pés e bés, seus capítulos?]	seu	masculino	plural	pés e bés	tudo mundo	abstrato	adjunto	aos 7 e aos 40	p18
12		e todo mundo uma escrita, [com suas palavras, seus pés e bés, seus capítulos?]	seu	masculino	plural	capítulos	tudo mundo	abstrato	adjunto	aos 7 e aos 40	p18
13		cada um de nós era [seu próprio time]	seu	masculino	singular	time	cada um de nós	interpessoal	complemento verbal	aos 7 e aos 40	p18
14		e é claro, ele ouvia tudo do fundo de sua casa]	seu	feminino	singular	casa	seu Hermes	propriedade	adjunto	aos 7 e aos 40	p19
15		dera para recuperar rádios quebrados e cuidar [de seus passarinhos]	seu	masculino	plural	passarinhos	seu Hermes	propriedade	complemento verbal	aos 7 e aos 40	p19
16		Construiu um viveiro de canários fantástico: vinha gente do país inteiro admirar [sua criação]	seu	feminino	singular	criação	seu Hermes	abstrato	adjunto	aos 7 e aos 40	p19
17		Pela manhã, ele pendurava fora de sua casa [...] as suas gaiolas de alumínio e madeira.	seu	feminino	plural	gaiolas	seu Hermes	propriedade	adjunto	aos 7 e aos 40	p19
18		Pela manhã, ele pendurava fora de sua casa [...] as suas gaiolas de alumínio e madeira.	seu	feminino	plural	gaiolas	seu Hermes	propriedade	complemento nominal	aos 7 e aos 40	p19
19		ficaram todos ali, a comer frutas em suas mãos e a bicar seus dedos.	seu	feminino	plural	mãos	seu Hermes	parte.corpo	adjunto	aos 7 e aos 40	p19
20		Quando a bola caía em sua casa e regressava com o ralar de seu rosto rente ao muro	seu	feminino	singular	casas	seu Hermes	propriedade	adjunto	aos 7 e aos 40	p20
21		Quando a bola caía em sua casa e regressava com o ralar de seu rosto rente ao muro	seu	masculino	singular	rosto	seu Hermes	parte.corpo	complemento verbal	aos 7 e aos 40	p20
22		e a bola saía do casulo, a adria [...] e, em seus desejos de céu, ultrapassava o muro e caía do	seu	masculino	plural	desejos	bola	abstrato	adjunto	aos 7 e aos 40	p20
23		Seu Hermes devia ouvir com gosto as partidas, querendo sua continuação	seu	feminino	singular	continuação	partidas	outros	complemento verbal	aos 7 e aos 40	p20
24		uma manhã, dona Elza, sua mulher, veio reclamar	seu	feminino	singular	mulher	seu Hermes	interpessoal	adjunto	aos 7 e aos 40	p20
25		se e mais irmão voltamos às nossas partidas solitárias, um contra o outro, cada um o seu time in	seu	masculino	singular	time	cada um	interpessoal	complemento nominal	aos 7 e aos 40	p20
26		e a bola, rebêdo, fugiu pra casa de Seu Hermes [...] e, de repente, lá, a bola, saltava de lá, pela dele	seu	masculino	singular	mãos	seu Hermes	parte.corpo	sujeito	aos 7 e aos 40	p20
27		e a bola teimava em cair na casa do nosso vizinho. A demora na sua devolução se ampliava, e, as vi seu	seu	feminino	singular	devolução	bola	outros	complemento nominal	aos 7 e aos 40	p21
28		um canário deu uns trinado, satisfeito com o sol, o frescor da tarde e, como um rastão, seu ca seu	seu	masculino	singular	canto	canário	abstrato	sujeito	aos 7 e aos 40	p22
29		o homem lá assistir ao jogo na casa de um amigo [...] aquela noite seu time poderia se tornar ca seu	seu	masculino	singular	time	homem	interpessoal	sujeito	aos 7 e aos 40	p24
30		mesmo sendo quem era - um homem corrido -, não havia como repecar [...] a alegria prestes a seu	seu	feminino	singular	vida	homem	abstrato	complemento verbal	aos 7 e aos 40	p24
31		a eclar, dali em diante, o seu bem ou o seu mal	seu	masculino	singular	bem	homem	abstrato	sujeito	aos 7 e aos 40	p24
32		a eclar, dali em diante, o seu bem ou o seu mal	seu	masculino	singular	mal	homem	abstrato	sujeito	aos 7 e aos 40	p24
33		ele tinha a certeza de que uma dor estava a caminho, [...] bastava esperar pela sua chegada para seu	seu	feminino	singular	chegada	dor	abstrato	complemento verbal	aos 7 e aos 40	p25
34		Mas, como, às vezes, eram lindos os entardeceres no verão [...] ao comentar com alguém a sua	seu	feminino	singular	beleza	entardeceres	abstrato	complemento nominal	aos 7 e aos 40	p26
35		delorando que o verão da palavra rasurasse sua visão	seu	feminino	singular	visão	algum	outros	complemento nominal	aos 7 e aos 40	p26
36		que seu presságio descesse ao segundo plano	seu	masculino	singular	presságio	homem	outros	sujeito	aos 7 e aos 40	p26
37		ainda que não só suas feições, mas todo seu corpo	seu	feminino	plural	feições	homem	abstrato	complemento nominal	aos 7 e aos 40	p26
38		mas todo seu corpo, revelavam a euforia típica de uma final de campeonato	seu	masculino	singular	corpo	homem	parte.corpo	sujeito	aos 7 e aos 40	p26
39		seu espírito vagava pelo passado	seu	masculino	singular	espírito	homem	abstrato	sujeito	aos 7 e aos 40	p26
40		e, também, de um velho vizinho, que nunca reclamava quando a bola ultrapassava o muro e est	seu	masculino	plural	passarinhos	seu vizinho	interpessoal	sujeito	aos 7 e aos 40	p26
41		Chego a vez do Sol, que começou a agir com seus raios	seu	masculino	plural	raios	Sol	origem	complemento verbal	o menino Nelson	p11
42		as cabanas redondas com tetos de rãbia rodeadas de arbustos de alca com suas flores, vermelh	seu	feminino	plural	flores	arbustos de alca	outros	complemento verbal	o menino Nelson	p17
44		o pássaro-tecelão, que surgia do seu ninho intricado	seu	masculino	singular	ninho	pássaro-tecelão	propriedade	adjunto	o menino Nelson	p18

Fonte: elaboração própria

4.3 Parâmetros de análise

Nesta etapa, apresentamos todos os fatores que foram controlados na planilha do Excel. São eles: pronome possessivo, gênero e número do pronome, nome possuído, nome referente, semântica de posse e função sintática.

4.3.1 Pronome possessivo

Este parâmetro se refere à primeira etapa da análise, quando foram destacadas de cada livro as ocorrências dos pronomes possessivos *seu* e *dele* em referência à 3ª pessoa. Portanto, sempre que achava essas variantes, categorizava na planilha a natureza do item coletado. Para exemplificar esse parâmetro, trago dois exemplos extraídos do *corpus*:

(05) “Fascinava-me tudo o que, de súbito, surgia à minha frente. Mas não o desvelar de **seu** mistério” (*Aos 7 e aos 40*, p. 09)

(06) “e é claro, ele ouvia tudo do fundo de **sua** casa” (*Aos 7 e aos 40*, p. 19)

A partir desses dois exemplos, pode-se perceber o emprego do pronome *seu* no primeiro caso e de sua variante feminina *sua*, ambos em 3ª pessoa.

4.3.2 Gênero e número do pronome

Este parâmetro refere-se às possíveis flexões das formas pronominais em questão. As formas *seu* e *dele* podem se flexionar tanto em gênero (masculino e feminino) como em número (singular e plural). Dessa forma, havia uma coluna na planilha para informar qual era o gênero e número das variantes de 3ª pessoa extraídas dos livros paradigmáticos analisados.

4.3.3 Nome possuído

No parâmetro em questão, registramos quais eram os substantivos que eram modificados pelas formas pronominais, isto é, quais estabeleciam uma relação de objeto, ser ou entidade possuída. Tendo em vista as propriedades morfossintáticas das formas possessivas em análise, observamos que os nomes possuídos costumam suceder a variante *seu*, enquanto os mesmos devem obrigatoriamente anteceder a variante *dele*:

(07) “Os dois retardatários correram para **seus lugares**” (*O menino Nelson Mandela*, p. 28)

(08) “ele se pôs a escutar atentamente os **passos dela**” (*Aos 7 e aos 40*, p. 12)

4.3.4 Nome referente

Denominamos de nome referente aquele que exerce dominância sobre o pronome, isto é, corresponde semanticamente à entidade ou ser possuidor. É esse nome que tem sua referência retomada pelas formas possessivas *seu* e *dele*. Observemos o seguinte exemplo:

(09) “**Rolihlahla** imaginou o olhar severo de **seu pai**” (*O menino Nelson Mandela*, p. 27)

No trecho, “**Rolihlahla**” é o nome referente da forma possessiva *seu*. Nessa construção possessiva, temos “**Rolihlahla**” como o possuidor e “**pai**” como o possuído. Esse parâmetro, assim como o anterior, foi estabelecido para fins de controle das ocorrências e, portanto, não havia uma hipótese de investigação que o motivasse. Apesar disso, o controle dos nomes possuídos e dos nomes referentes nos ajudou a analisar a semântica de posse das ocorrências, de que falaremos no próximo item.

4.3.5 Semântica de posse

Apesar de chamarmos tradicionalmente as formas pronominais *seu*, *teu*, *nosso* etc. de possessivas, vemos que os contextos semânticos de posse em que elas podem ocorrer são muito diversificados. Embora a ideia principal de posse esteja associada à noção de propriedade, de bens materiais, essa não é a única possibilidade existente. Há diversos tipos

semânticos de posse, como verificamos na nossa amostra. Muitos autores discutem e propõem tipologias semânticas para a noção de posse nas línguas (cf. Heine, 1997; Langacker, 2009; dentre outros). Não é nosso objetivo discutir aqui essas tipologias, portanto apenas descrevi quais tipos consideramos no parâmetro de análise da semântica de posse. São eles: *propriedade*, *parte do corpo*, *parentesco*, *interpessoal*, *abstrato*, *origem* e outros. O quadro 4 traz alguns exemplos desses tipos semânticos:

Quadro 4. Tipos semânticos de posse analisados.

TIPO SEMÂNTICO	EXEMPLOS
Propriedade	“seus livros”, “a casa dela”
Parte do corpo	“os pés dele”, “suas mãos”
Parentesco	“o pai dele”, “seus filhos”
Interpessoal	“seu amigo”, “a esposa dele”
Abstrato	“sua ideia”, “seu tempo” “o destino dele”
Origem	“a voz dela”, “o seu espirro”

Fonte: elaboração própria.

Devido à grande diversidade semântica para a noção de posse, houve algumas ocorrências que não puderam ser classificadas em uma das seis categorias do quadro. Esses casos foram separados com o rótulo de “outros”. Além disso, como podemos ver pelos exemplos do quadro, a natureza semântica do nome possuído é fundamental para inferir o tipo semântico de posse da construção. Como mostraremos na seção de análise dos resultados, o nome possuidor quase sempre trazia um referente humano ou entidade humanizada (que se comportava como um ser humano).

4.3.6 Função sintática

Neste parâmetro, registramos as funções sintáticas que os nomes possuídos desempenhavam dentro das sentenças em que ocorriam. Como as formas pronominais *seu* e *dele* funcionam como adjuntos adnominais desses nomes, foi através deles que analisamos qual era a função sintática do sintagma possessivo (“*seu+N*” ou “*N+dele*”) dentro da oração. Sendo assim, consideramos as seguintes relações gramaticais: *sujeito*, *complemento verbal* (objeto direto e indireto), *complemento nominal*, *adjunto* (adverbial, adnominal e aposto) e *predicativo*.

Mesmo não tendo uma hipótese de investigação para a análise desse parâmetro, achamos importante controlá-lo, justamente com o objetivo de ver se as funções sintáticas teriam algum efeito condicionador sobre as variantes possessivas estudadas. Por essa razão, o

controle das funções foi feito de maneira mais geral, sem diferenciar, por exemplo, os tipos de complemento verbal e de adjuntos.

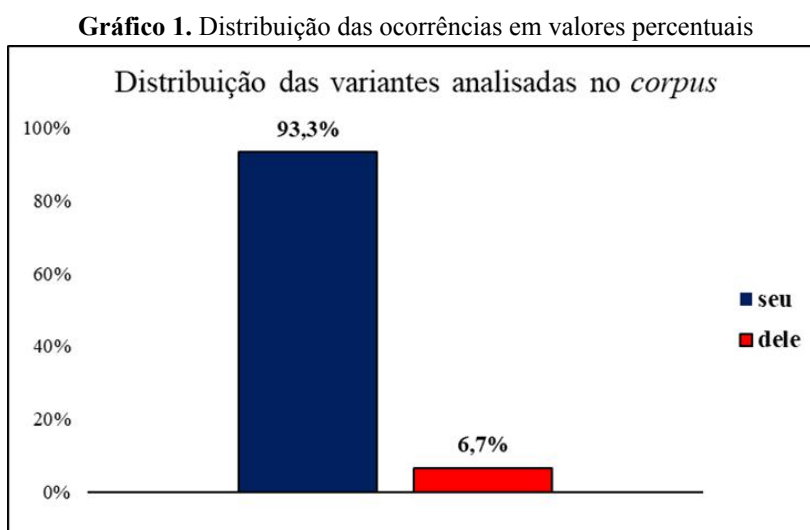
Após a apresentação do *corpus*, dos procedimentos e dos parâmetros controlados, vamos à análise e discussão dos resultados encontrados. É importante dizer que a análise realizada é de caráter quantitativo, qualitativo e descritivo, pois nosso objetivo principal era observar como se dá a expressão pronominal possessiva de 3ª pessoa nos livros paradidáticos.

5 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Nesta seção, expomos os resultados obtidos a partir da amostra de quatro livros paradigmáticos. A seção está subdividida em duas partes: na primeira, apresentamos os resultados e distribuições gerais, para que se possa ter uma noção de como o fenômeno analisado se apresentou no *corpus*; na segunda, descrevemos e comentamos os dados obtidos de acordo com os parâmetros de análise relevantes.

5.1 Resultados gerais

A partir das quatro obras escolhidas, obtive um total de 150 ocorrências de formais pronominais possessivas com referência à 3ª pessoa. Desse conjunto, 140 dados correspondiam à variante *seu*, e apenas 10 à variante *dele*. O gráfico 1, a seguir, traduz essa distribuição em valores percentuais:



Fonte: elaboração própria

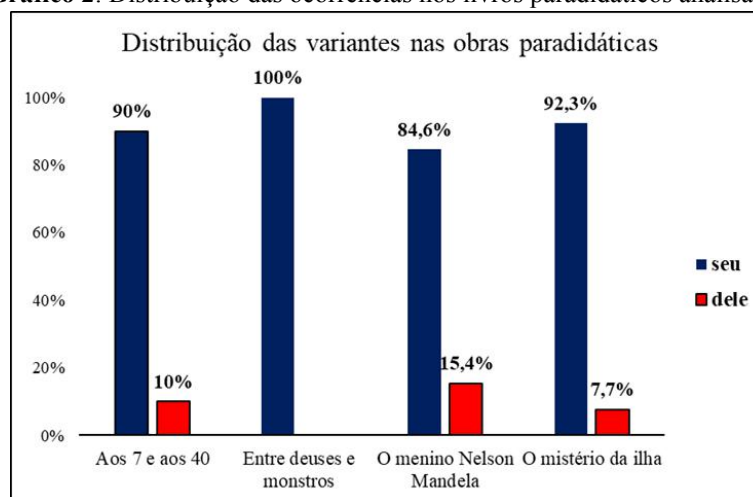
Ao observarmos o gráfico acima, vemos que a variante *seu* representou mais de 90% dos dados da amostra. Já a variante *dele*, não alcançou sequer 10% do total (6,7%). O arranjo acima contraria as nossas expectativas, principalmente se considerarmos o que foi descrito para o fenômeno analisado por diversos linguistas brasileiros. Há, na literatura sobre o tema, uma recorrente afirmação de que o pronome *seu* em referência à 3ª pessoa estaria em desuso no PB, ou, segundo Perini (1985), já teria desaparecido por completo, visto que essa forma teria se especializado como pronome de 2ª pessoa.

Os dados retirados dos livros paradigmáticos, no entanto, mostram um cenário bastante diferente e nos leva a pensar no seguinte: centenas de alunos brasileiros, estudantes de escolas

públicas e privadas, têm, como principal gênero de leitura no ensino básico as obras paradidáticas. É através delas que muitas formas e construções linguísticas, estudadas nas aulas de gramática, aparecem para esses jovens leitores concretamente, ou seja, como exemplos reais da língua em uso. Como explicar, portanto, que uma variante “em vias de desaparecimento” na língua esteja tão consistentemente presente nesses textos didático-pedagógicos? Sem a pretensão de responder totalmente essa questão, defendemos que, diante desses resultados, é necessário relativizar essa afirmação. Nos parece mais adequado tratar a expressão possessiva da 3ª pessoa no PB ainda como um fenômeno variável conforme defendem Abraçado (2000), Lopes (2007), Calindro (2019). Nesse sentido, podemos dizer, por hipótese, que a modalidade escrita da língua, sobretudo nos gêneros em que predominam as sequências narrativas, a forma *seu* continua sendo bastante produtiva, conforme veremos no restante dessa seção.

Dando continuidade à exposição dos resultados gerais, temos, no gráfico 2, as ocorrências das formas possessivas distribuídas segundo os livros paradidáticos analisados. O objetivo é verificar se, por exemplo, alguma obra específica registrou mais dados de *seu* ou de *dele*:

Gráfico 2: Distribuição das ocorrências nos livros paradidáticos analisados



Fonte: elaboração própria

Conforme podemos visualizar, a variante *seu* foi a mais frequente nos quatro livros considerados, com valores percentuais superiores a 80%: em *Aos 7 e aos 40*, 90% (36 das 40 ocorrências); em *Entre deuses e monstros*, 100% (58 ocorrências); em *O menino Nelson Mandela*, 84,6% (22 das 26 ocorrências); em *O Mistério da Ilha*, 92,3% (24 das 26 ocorrências). Essa distribuição revela que a predominância de uso da forma *seu* sobre a forma *dele* foi algo constante e presente nas quatro obras analisadas. Nenhuma registrou mais do que

5 dados de *dele*, e uma delas, inclusive, não registrou uma ocorrência sequer dessa variante. Embora os livros não tenham sido analisados integralmente (fato que, em alguma medida, poderia alterar a distribuição percentual observada), não acreditamos que esse cenário se alteraria radicalmente, isto é, as ocorrências da forma *dele* superassem as de *seu*.

Retomamos aqui o nosso comentário feito anteriormente: parece que a variante *seu*, em referência à 3ª pessoa do singular, tem sua utilização preservada na modalidade escrita da língua, principalmente em textos narrativos. As quatro obras examinadas se enquadram nesse parâmetro. Isso nos leva a reconsiderar o argumento clássico da ambiguidade referencial, defendido desde Perini (1985), como explicação para o desuso de *seu* na 3ª pessoa. A ambiguidade envolvendo essa forma possessiva, que pode se referir à 2ª ou à 3ª pessoa, é mais possível de ocorrer em contextos dialógicos, isto é, quando o ouvinte ou o leitor pode ser um referente possível. Em textos narrativos escritos, essa possibilidade é bloqueada em vários contextos, como no exemplo em (10):

(10) “e o pastor quase caiu numa greta que se abriu aos **seus** pés.” (*Entre deuses e monstros*, p. 34)

Considerando a estruturação sintática desse exemplo, é bastante evidente que a forma *seus* só pode estar se referindo ao nome “pastor”. Nenhuma pessoa que leia essa história seria capaz de pensar que o narrador está se referindo aos pés dos leitores! É uma leitura totalmente implausível, dadas as circunstâncias textuais e contextuais. Sendo assim, não cabe falar de ambiguidade em casos como o do exemplo (10) e, por isso, segundo propomos por hipótese, a frequência da variante *seu* foi tão alta.

A título de exemplificação, listamos em (12-20), as 10 ocorrências registradas da variante *dele* na amostra:

(11) O homem estacionou o carro no subsolo, pegou a bolsa e o buquê de rosas que comprara de um vendedor no semáforo e subiu para o oitavo andar. (...) E, quando ele saiu do elevador, deu com a mulher à porta do apartamento (...). Entraram no apartamento, em silêncio, o toque de sua mão no ombro **dela**... (*Aos 7 e aos 40*, p. 12)

(12) ... ele pensou na mulher (...) e, quando já se vestia no quarto, sentiu a presença **dela**... (*Aos 7 e aos 40*, p. 14)

(13) ... ele se pôs a escutar atentamente os passos **dela**, vagarosos, de lá pra cá. (*Aos 7 e aos 40*, p. 16)

(14) ... e a bola, rebelde, fugia pra casa de Seu Hermes. (...) e, de repente ela, a bola, saltava de lá, pelas mãos **dela**... (*Aos 7 e aos 40*, p. 20)

(15) - Vovó, mas Rohlihlaha não ia à escola? – pergunta Nyamelo, o neto mais estudioso de todos.
- Ah, claro que sim! O pai e mãe **dela** faziam questão de que ele fosse... (*O menino Nelson Mandela*, p. 25)

(16) Vovó Nombulelo está com um lenço azul amarrado na nuca (...) Com a ajuda dos filhos conseguiu construir uma casa grande em Qunu, uma casa “de sonho”. Seus netos adoram dormir na casa da avó. A casa **dela** é uma

iingxande, uma casa de quatro cantos, não uma cabana redonda como as de antigamente. (*O menino Nelson Mandela*, p. 25)

(17) Seu pai ficava em casa apenas uma semana por mês, porque tinha outras três esposas, que ele visitava em turnos, nas aldeias **delas**. (*O menino Nelson Mandela*, p. 27)

(18) Quando tocou o sinal, o menino correu para mergulhar no rio (...). Mas logo saiu da água para ir até a colina, ver se Mackson e seus animais ainda estavam lá. (...)
- Passei - sussurrou, sentando-se ao lado **dele**. (*O menino Nelson Mandela*, p. 29)

(19) Carlos estava intrigado. [...] Pensou na roupa **dele**, que tinha sumido como se tivesse desmanchado, desaparecido no ar ou na água. (*O mistério da ilha*, p. 49)

(20) Com todas as cores, como um arco-íris que num instante vai se apagar, viu de novo as imagens da Ilha Quilomba, Luana, o avô e seu tesouro. Seu, dele, Carlos. Porque agora era **dele**, que ele tinha descoberto o tesouro, decifrado a mensagem, entendido a Ilha Quilomba... (*O mistério da ilha*, p. 53)

De maneira geral, podemos destacar nessas dez ocorrências, a respeito da forma *dele*, que: (i) na maioria dos casos, foi utilizada no singular, como se fosse para especificar, individualizar o nome referente; (ii) os nomes possuídos relacionados são semanticamente inanimados, representando elementos concretos (casa, roupa, tesouro) ou abstratos (presença, passos, lado); (iii) os nomes possuidores são, todos eles, referentes humanos; (iv) as construções possessivas ocorreram, principalmente, nas funções sintáticas de adjunto e complemento verbal.

Após visualizarmos panoramicamente a distribuição dos dados encontrados na nossa amostra, vamos considerá-los, na próxima subseção, em função dos parâmetros de análise estabelecidos na monografia. Como o número de ocorrências da variante *dele* foi muito baixo, optamos por não a incluir nessa etapa de análise, focalizando apenas a variante *seu*. Nosso objetivo é, então, descrever e observar os contextos em que a variante *seu* foi mais frequente.

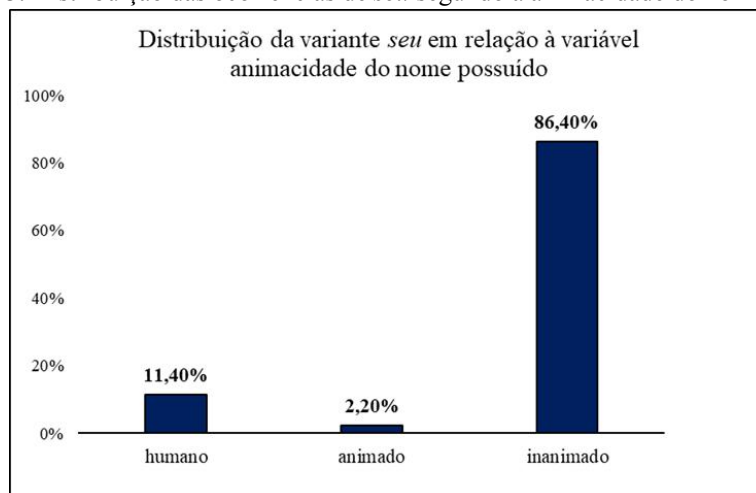
5.2. A variante *seu* em correlação com os parâmetros de análise

5.2.1 Animacidade do nome possuído

Conforme apresentamos na seção de metodologia, um dos nossos parâmetros de análise foi a natureza do nome possuído. Registramos, na planilha, todos os nomes que acompanhavam os pronomes possessivos – no caso da variante *seu*, aqueles que o sucediam. Com base nesse controle, chegamos a uma generalização semântica acerca da *animacidade* desses nomes. Assim, para analisar esse parâmetro, classificamos esses nomes segundo a sua animacidade, chegando a três possibilidades: nomes com referência a *humanos*, nomes com referência a seres *animados* (mas não humanos, como, por exemplo, animais) e nomes com

referência *inanimada* (objetos, sentimentos etc.). O gráfico 3 expõe a distribuição dos dados de *seu* segundo esse parâmetro:

Gráfico 3. Distribuição das ocorrências de *seu* segundo a animacidade do nome possuído



Fonte: elaboração própria

Notamos que os nomes possuídos de natureza semântica inanimada foram predominantes, representando 86,4% dos dados de *seu* (121 das 140 ocorrências). Em segundo lugar, mas com uma frequência muito inferior, temos os nomes com referência a humanos, em 11,4% dos dados (16 ocorrências). Com menor índice, estão os nomes de natureza animada, representando apenas 2,2% dos dados (3 ocorrências). Em (21-23), listamos um exemplo de cada tipo:

(21) Possuído inanimado: Chico era danado de jeitoso. (...) Fazia milagres com **seu inseparável canivete**. (*O mistério da ilha*, p. 11)

(22) Possuído humano: Uma manhã, dona Elza, **sua mulher**, veio reclamar (*Aos 7 e aos 40*, p. 20)

(23) Possuído animado: Mas logo saiu da água para ir até a colina, ver se Mackson e **seus animais** ainda estavam lá. (*O menino Nelson Mandela*, p. 29)

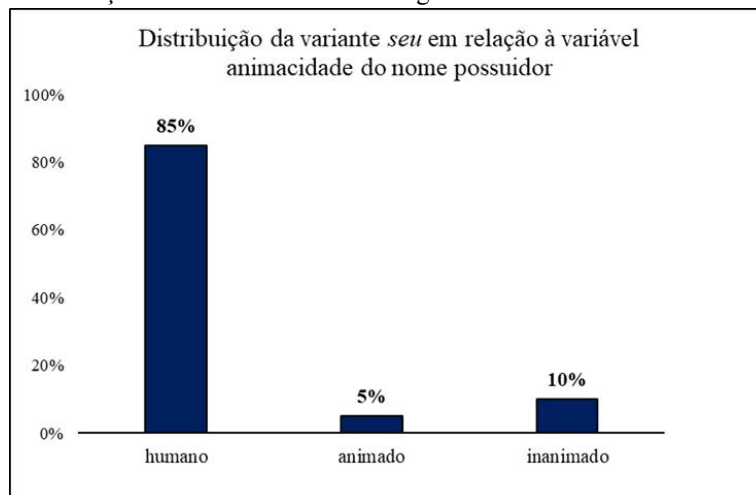
Desse modo, considerando o parâmetro do nome possuído, no que se refere à animacidade, verificamos que a maior parte dos dados de *seu* estava relacionada a nomes inanimados. Voltaremos a isso no final da próxima subseção, quando poderemos comparar a natureza do nome possuído com a natureza do nome possuidor.

5.2.2 Animacidade do nome referente possuidor

Além da natureza do nome possuído, controlamos, também a natureza do nome referente do pronome possessivo, ou seja, o nome possuidor. Levantamos todos os nomes aos quais os pronomes possessivos se referiam. A partir desse controle, estabelecemos a mesma

generalização semântica para a *animacidade* descrita para os nomes possuídos. Nesse sentido, também os categorizamos em nomes *humanos*, *animados* ou *inanimados*. No gráfico 4, temos a distribuição das ocorrências para esse parâmetro:

Gráfico 4. Distribuição das ocorrências de *seu* segundo a animacidade do referente possuidor



Fonte: elaboração própria

Com relação à natureza semântica dos nomes a que a forma *seu* se referia, observamos o predomínio dos possuidores humanos, com 85% de frequência (119 das 140 ocorrências). Em seguida, temos os nomes de natureza inanimada, com frequência de 10% do total (14 ocorrências). O menor índice registrado foi para os nomes animados que somaram 5% dos dados da amostra (7 ocorrências). Para ilustrar cada uma dessas possibilidades, reproduzimos em (24-26) exemplos extraídos do *corpus* analisado:

(24) Possuidor humano: **O caminhante** andava a passos largos pela estrada margeada de arbustos verde-escuros. (...) **Sua** túnica estava molhada de suor, e as pernas nuas e musculosas brilhavam com a transpiração abundante. (*Entre deuses e monstros*, p. 17)

(25) Possuidor inanimado: ... e aí **a bola** saía do casulo, ia aérea, queria borboletar e, em **seus** desejos de céu, ultrapassava o muro e caía do outro lado... (*Aos 7 e aos 40*, p. 20)

(26) Possuidor animado: ... Rolihlahla cumprimentava **o pássaro-tecelão**, que surgia do **seu** ninho intrincado... (*O menino Nelson Mandela*, p. 18)

O parâmetro do nome referente possuidor nos revela, quanto à animacidade, que a maior parcela dos dados de *seu* se referia a nomes humanos. Esse resultado é interessante, sobretudo se o considerarmos em comparação com o que encontramos para a animacidade do nome possuído: há uma distribuição inversa, assimétrica, de animacidade dos nomes presentes nas construções pronominais possessivas analisadas. Essa assimetria é referida por muitos autores, tais como Langacker (2009). Ao discutir qual seria a semântica prototípica de

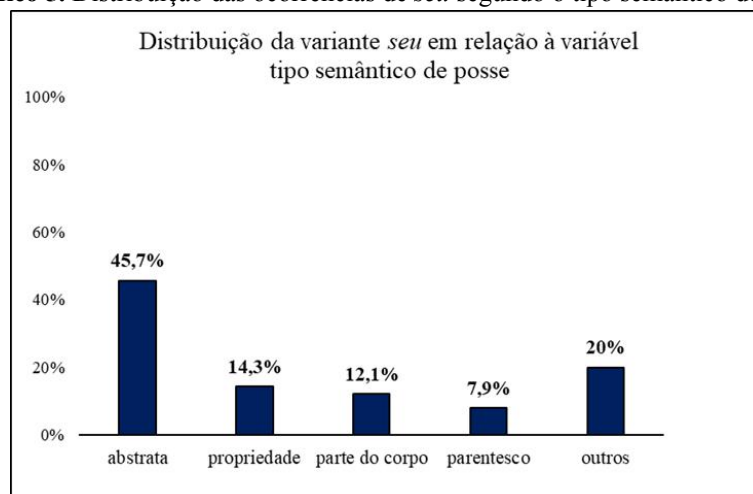
posse, o autor ressalta o fato de que conceptualizamos um mundo em que seres humanos possuem coisas (objetos, lugares, sentimentos etc.), e não o contrário.

Além de descrever, do ponto de vista semântico, que tipo de nome possuído e de nome referente possuidor integram as ocorrências de construções possessivas levantadas dos livros paradigmáticos, é importante verificar ainda a semântica da própria construção, como um todo. Isso acontece porque, como mencionamos brevemente na seção de metodologia, a ideia de posse é ampla e variada, podendo envolver diferentes tipos de relação de pertencimento entre os referentes. Por essa razão, faz-se necessário examinar o próximo parâmetro, que aborda a semântica de posse.

5.2.3 Semântica de Posse

No parâmetro da semântica de posse, o nosso objetivo era verificar se algum tipo específico seria mais favorável ou propício ao uso da variante *seu* no *corpus*. Além da posse de propriedade, considerada por vários estudiosos como o tipo semântico mais prototípico, encontramos nos livros analisados construções possessivas com o pronome *seu* expressando parte do corpo, parentesco, relação interpessoal, origem e posse abstrata. No gráfico 5, expomos a distribuição dos tipos semânticos mais frequentes:

Gráfico 5. Distribuição das ocorrências de *seu* segundo o tipo semântico de posse



Fonte: elaboração própria

Conforme apresentado no gráfico, o tipo semântico mais frequente foi o da *posse abstrata*, que correspondeu a 45,7% dos dados (64 das 140 ocorrências), ou seja, quase a metade das construções envolvendo o pronome *seu*. Em segundo lugar, aparece a *posse de propriedade*, com 14,3% de frequência (20 ocorrências), seguida do tipo *parte do corpo*, com 12,1% (17 ocorrências). Já o tipo semântico de *parentesco* computou 7,9% (11 ocorrências).

Os demais tipos de posse, muitos deles de difícil categorização, totalizaram 20% dos dados (18 ocorrências. Os exemplos em (27-31) ilustram esses tipos semânticos:

(27) Posse abstrata: Nenhuma divindade auxiliava Orfeu. Ele agia por instinto, guiado apenas pela força de **sua paixão**, desconhecendo que, muito perto dali, (...) havia uma soturna caverna... (*Entre deuses e monstros*, p. 34)

(28) Propriedade: Uma menina que ria bonito, um sorriso branco como as flores estampadas em **seu vestido** comprido (*O mistério da ilha*, p. 35)

(29) Parte do corpo: Como noutras noites, estavam juntos, novamente, nem atentos nem desatentos para o ar que entrava e saía de **seus pulmões**, apenas permitindo que entrasse e saísse... (*Aos 7 e aos 40*, p. 15)

(30) Parentesco: Aquelas histórias Rolihlahla ouvia **seu pai** contar à noite, perto do fogo. (*O menino Nelson Mandela*, p. 28)

(31) Outros: Meu amor não retornou à hora prometida. A noite chegou sem que houvesse notícias dela. O rei, meu pai, enviou cinquenta arqueiros à **sua procura**. (*Entre deuses e monstros*, p. 26)

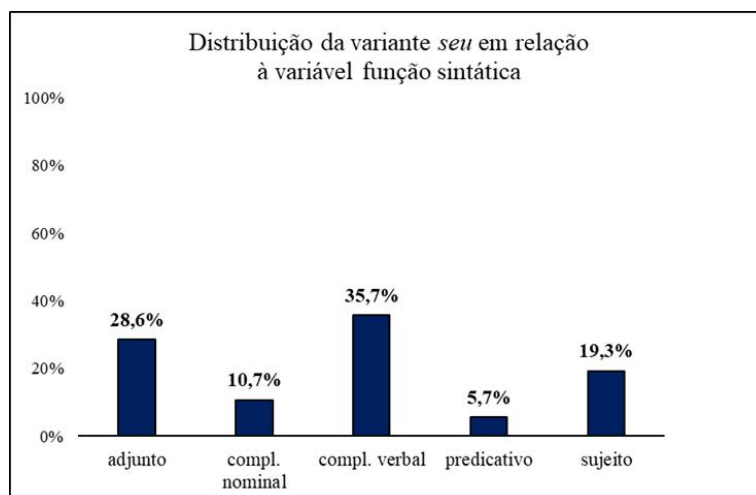
Considerando a distribuição encontrada nos dados, podemos propor que, de algum modo, o pronome *seu*, em referência à 3ª pessoa do singular, é favorecido pelo tipo semântico da posse abstrata. É interessante observar que essa é uma das noções de posse que mais se afastam do protótipo, isto é, do modelo geral em que um ser animado agentivo (geralmente humano) detém um objeto físico, concreto. Como mencionamos na seção de metodologia, quando falamos em posse abstrata, estamos pensando em nomes como “dor”, “pensamento” e “amor”. De fato, não é possível comprar ou mesmo pegar, literalmente, o pensamento ou o amor de alguém. Nesse sentido, a forma pronominal possessiva parece funcionar como um elemento relacional, que estabelece a noção de ligação, de vínculo, entre os referentes.

Para finalizar a nossa análise por parâmetros, abordamos, a seguir, a função sintática da construção possessiva.

5.2.4 Função sintática

Ao lado dos parâmetros semânticos, descritos e analisados nas subseções anteriores, controlamos também um parâmetro sintático, que diz respeito à função sintática da construção possessiva na oração em que ocorria. Em se tratando das ocorrências com o pronome *seu*, estamos, nos referindo à construção “*seu* + N”, na qual N corresponde ao nome possuído, núcleo da construção, e *seu*, à forma pronominal possessiva de 3ª pessoa que se coloca como adjunto adnominal do N. A motivação para a análise desse parâmetro era verificar se alguma função sintática em particular favorecia o uso da construção. No gráfico 6, temos a síntese do resultado acerca desse parâmetro:

Gráfico 6. Distribuição das ocorrências de *seu* segundo a função sintática



Fonte: elaboração própria

Como podemos visualizar, a maior incidência das construções possessivas com *seu* se deu nas funções sintáticas de complemento verbal (aqui reunimos objeto direto e objeto indireto), com 35,7% (50 das 140 ocorrências). Com uma frequência relativamente próxima, vemos a função sintática de adjunto (que compreende, aqui, adjunto adverbial, adjunto adnominal e aposto), com 28,6% (40 ocorrências). A terceira função sintática mais registrada foi a de sujeito da oração, que correspondeu a 19,3% dos dados (27 ocorrências). Com índices menores, registramos as funções de complemento nominal, 10,7% (15 ocorrências), e predicativo, 5,7% (8 ocorrências). Na sequência de (32) a (36), reproduzimos exemplos dessas ocorrências, para cada uma das funções sintáticas mencionadas:

(32) Complemento verbal: Pela manhã, ele pendurava fora de sua casa (...) [as **suas gaiolas** de alumínio e madeira]. (*Aos 7 e aos 40*, p. 19)

(33) Adjunto: Todos os dias, depois que o sol tinha escalado as colinas e quando a terra esquentava [sob **seus pés** descalços], Rolihlahla chegava ao pasto... (*O menino Nelson Mandela*, p. 18)

(34) Sujeito: O monstruoso animal ficava na margem oposta àquela da chegada (...). [**Seus olhos** raivosos e fosforescentes] amedrontavam de tal maneira que os mortos recalitrantes... (*Entre deuses e monstros*, p. 36)

(35) Complemento nominal: Essa coisa era não ser mais escravo, não trabalhar mais para os outros, ser dono [do **seu tempo**] (*O mistério da ilha*, p. 47)

(36) Predicativo: Cada um de nós era [**seu próprio time**] (*Aos 7 e aos 40*, p. 18)

Com base nessa distribuição dos dados, verificamos que a construção pronominal possessiva “*seu* + N” teve seu uso favorecido, principalmente, nas funções sintáticas de complemento verbal e de adjunto. Percebemos que, em muitos casos, o nome referente possuidor exercia a função de sujeito da oração, sendo retomado pelo pronome *seu* em uma dessas duas funções. Quando a construção possessiva aparecia na função de sujeito, o nome

referido estava em outra oração, geralmente naquela que antecedia a oração com o pronome *seu*.

Após a exposição dos resultados principais obtidos acerca da variação entre as formas possessivas *seu* e *dele* a partir da nossa análise dos livros paradidáticos, apresentamos, na última seção desta monografia, nossas conclusões.

6 CONCLUSÃO

O objetivo do meu trabalho era investigar a variação entre as formas pronominais possessivas *seu* e *dele* na 3ª pessoa do discurso. Dessa forma, pretendo reafirmar com base em minha análise de dados o caminho percorrido e os resultados encontrados. Ao pesquisar o que dizem importantes gramáticos tradicionais como Bechara (2004), Rocha Lima (2005) e Cunha e Cintra (2008) percebi que seus quadros pronominais ainda compreendem a 3ª pessoa do discurso apenas como o possessivo *seu*, mencionando que a forma perifrástica *dele* deveria ser usada somente entre os falantes, no português brasileiro coloquial.

No entanto, outros estudos linguísticos, como os de Perini (1985) e Lopes (2007) falam sobre essa transição, incluindo a variante *dele* em seus quadros pronominais. A partir desses estudos, percebemos que há uma hipótese segundo a qual a forma possessiva *seu* estaria se especializando na referência à 2ª pessoa, enquanto a forma *dele* estaria se difundindo na referência à 3ª pessoa do discurso.

Os pressupostos sociolinguísticos fundamentaram meu trabalho, visto que relacionar a mudança sofrida pelo quadro pronominal de possessivos do PB com as constantes variações observadas na língua de uma sociedade corroborou para a minha conclusão. Nesse sentido, tais mudanças só podem ocorrer em um sistema linguístico devido a sua heterogeneidade. A partir dessa heterogeneidade, podemos usar mais de uma forma para tratar de um mesmo assunto sem prejudicar a coerência do sistema. Sendo assim, a variação entre *seu* e *dele* na 3ª pessoa é usada para proferir uma mesma sentença, todavia, morfossintaticamente, *dele* complementa de forma mais ampla os traços destinados à 3ª pessoa.

Aliado a isso, procurei observar como tem se comportado a variação dessas formas pronominais. Nesse âmbito, analisei obras paradidáticas destinadas a estudantes do segundo segmento do ensino fundamental. Sendo assim, por meio de análises descritivas e quantitativas, através de parâmetros diferentes, pude observar o comportamento das formas pronominais *seu* e *dele* em textos escritos que fazem parte do universo escolar.

Nesse cenário, verifiquei uma alta frequência de uso da variante *seu* em todas as obras analisadas. Com isso, vemos que a variante *seu* na 3ª pessoa ainda é preservada em textos literários narrativos, em contextos nos quais a possibilidade de ambiguidade referencial com a 2ª pessoa do singular é bloqueada por questões de plausibilidade. Desse modo, podemos concluir, ainda que de maneira preliminar, que a alegada mudança morfossintática da forma *seu* para a 2ª pessoa do discurso ainda não se processou integralmente no quadro pronominal do PB, visto que ainda varia com a forma *dele* na 3ª pessoa, sendo, inclusive,

favorecida em textos escritos não dialógicos. Os resultados desta monografia, assim como aqueles obtidos por Guedes (2015), nos levam a relativizar a hipótese de Perini (1985) de que *seu* faria parte apenas da 2ª pessoa no PB. Sendo assim, na atualidade, encontramos usos diversos do possessivo *seu* na 3ª pessoa do discurso. Por essa razão, acreditamos ser mais pertinente discutir o fenômeno em termos sociolinguísticos, visto que, como evidenciaram os dados, ainda estamos diante de uma regra variável.

7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABRAÇADO, J. O possessivo *seu* – diferentes tipos de ambiguidade e de posse. *Gragoatá*. Niterói, n. 9, p. 193-203, 2. sem. 2000.
- ARAÚJO, S. S. de F. Possessivos de terceira pessoa em textos escritos. *Sitientibus*, Feira de Santana, p.143-151, jul./dez., 2003.
- BAGNO, Marcos; 2007
- BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. 37ª ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.
- CALINDRO, A. R. V. Os desafios para o ensino de português como segunda língua em contexto de mudança – o caso dos pronomes possessivos de terceira pessoa. *Revista Letras*, [S.l.], v. 99, set. 2019.
- CASTRO, A. *On possessives in portuguese*. Tese de Doutorado. Universidade Nova de Lisboa/Université Paris 8. Lisboa, Paris, 2006.
- COELHO, I. L. *et al.* “O estudo da linguagem no contexto social”. In: COELHO, I. L. *et al.* *Para conhecer Sociolinguística*. São Paulo: Contexto, 2015, p. 11-49.
- CUNHA, C.; CINTRA, L. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2008.
- GUEDES, D. M. *Possessivos simples e perifrásticos no português brasileiro: investigando a 3ª pessoa*. (Trabalho de conclusão de curso). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, 2015.
- HEINE, B. *Possession: Cognitive sources, forces, and grammaticalization*. Cambridge Studies in Linguistics, Cambridge University Press: Cambridge, 1997.
- KATO, M. A. A complementaridade dos possessivos e das construções genitivas no português coloquial: réplica a Perini. *DELTA*, São Paulo, n. 1-2. p. 107-120, 1985.
- LANGACKER, R. W. Possession, location and existence. In: *Investigations in Cognitive Grammar*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2009.
- LOPES, C. R. dos S. Pronomes pessoais. In: BRANDÃO, S. F.; VIEIRA, S. R. (Orgs.). *Ensino de gramática: descrição e uso*. 1 ed. São Paulo: Contexto, 2007, p. 103-114.
- MOLLICA, M. C. Fundamentação teórica: conceituação e delimitação. In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (orgs.). *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2019, p. 9-14.
- PERINI, M. A. O surgimento do sistema de possessivo do português coloquial: uma interpretação funcional. *DELTA*, São Paulo, n. 1-2. p. 1-15, 1985.
- ROCHA LIMA, C. H. da. *Gramática normativa da língua portuguesa*. 44ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2005.
- santos 2008
- TRAVAGLIA 2007

7.1 Livros paradidáticos utilizados como *corpus*:

- CARRASCOZA, J. A. *Aos 7 e aos 40*. 1. ed. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2016
- MACHADO, A M. *O mistério da ilha*. 1. ed. São José dos Campos, SP: Maxiprint, 2018.
- MAZZA, V. *O menino Nelson Mandela*. [Trad. Silvana Cobucci Leite]. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2017.
- NEIVA, L. *Entre deuses e monstros*. 3. ed. São Paulo: Globo Livros, 2016.